

A DANÇA COMO POSSIBILIDADE DE VIVÊNCIA DE UM
“ESTADO DE LIBERDADE”

Profa. Dra. Renata de Lima Silva¹

Profa. Ms. Marlini Dorneles de Lima²

“Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta, não há ninguém que explique e ninguém que não entenda”

Cecília Meirelles

Foucault propõe o entendimento do sujeito como um *“efeito da superfície, uma espuma que reverbera a força das ondas”*, isto é, que somos tramados e constituídos pelas estruturas de poder. Poder esse que é exercido nas massas e converte-se num controle que nos fabrica. Nessa perspectiva, o poder deve ser entendido não como algo localizável, que se estabeleça na forma de um possuir e sim numa lógica circunstancial que aliada ao saber, contribui para a construção de espaços em que se estabelecem necessidades e exigências de uma época (cf. Foucault, 1996a apud Silva, 2007). Espaços como o cotidiano e o próprio corpo, que são agenciados por essas estruturas de poder.

O corpo, na ótica de Foucault, aparece como uma massa modelável do poder, isto é, que apresenta aspectos, formas de percepção e inserção constantes para o exercício de relações de poder (Mendes, 2006).

Quando Foucault se debruça sobre as radicais modificações de um poder soberano para as sutis técnicas de poder disciplinar, a partir do século XVII até o XIX, mostra como o sujeito deixa de ser supliciado e simplesmente assujeitado ao poder soberano. A disciplina vem tornar o corpo mais eficiente e mais dócil, e vice-versa. Estipula o que pode fazer e o que não deve fazer. Com base em tecnologias disciplinares, constrói-se uma *“anatomia política”* para melhor competência do corpo, diretamente ligada a maior enquadramento. Assim, desenvolvem-se formas para aperfeiçoar as forças corporais (pois as tornam mais econômicas) e igualmente para diminuí-las (naqueles momentos em que poderia desenvolver forças para transgredir a disciplina). Em outras palavras, com o poder disciplinar produz-se, sempre, algum tipo de exercício sobre o corpo.

(MENDES, 2007, p. 171)

¹ Renata de Lima Silva, é professora adjunta do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás e Doutora em Artes pela Universidade Estadual de Campinas.

² Marilini Dorneles de Lima é professora assistente e coordenadora do Curso de Dança da Universidade Federal de Goiás e Mestre em Ed. Física pela Universidade Federal de Santa Catarina.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Corpos quietos, sentados e infilerados. Corpos separados pela questão do gênero: meninas pra cá, meninos pra lá. Corpos disciplinados, corpos dóceis. Corpos magros, corpos apáticos, corpos censurados, corpos amarrados.

Com o advento da cultura de massa, podemos assistir, no contexto brasileiro, a um processo crescente de corpolatria e da sexualização acentuada do corpo, sobretudo da mulher, associado facilmente a comercialização de produtos de beleza, cerveja, entre outros, pelos quais se propaga um padrão de corpo. Corpo ideal? Corpo saudável? Corpo padrão? Corpo produto?

Neste contexto do corpo produto, corpo máquina, corpo anestesiado, onde de fato reside a possibilidade de se pensar o corpo numa perspectiva libertária?

O presente artigo parte da hipótese de que a dança trabalhada em caráter sócio-educativo pode propiciar um estado de liberdade.

O CORPO: O PONTO DE PARTIDA

[...] Era uma vez um corpo que era simplesmente corpo. Tudo era corpo ou corporeidade. Não havia outra maneira de ser. Um desses corpos foi reconhecido como sendo o homem. Havia outros corpos, como o dos primatas, dos símios, dos chipanzés, do gorila, do leão, do elefante, do gato, dos passarinhos, das pedras, das plantas etc, cada ser destes era corpo, isto é, seu corpo. Então, o homem, da mesma forma, era corpo, só corpo, mas corpo vivente. Mas vivente de uma vida própria. Cada corpo vivente tinha sua vida própria. [...] O homem, corpo vivente, era mundo. Todos os seres eram corpo. Todos os seres eram mundo. Todos eram, ao mesmo tempo, corpo e mundo [...].

SANTIN (2000, p. 69)

Corpo. A eterna busca da dança. Um corpo. O corpo. “Corpo dilatado”. “Corpo expressivo”. “Corpo-em-vida”. “Corpo íntegro”. Nas artes cênicas o corpo é proeminente, e qualquer expressão cênica exige um corpo para caracterizá-la.

O corpo é a materialidade do ser, mas assim como sugere Merleau-ponty (1945, 177) não é no objeto físico que o corpo deve ser comparado, mas antes à obra de arte:

Um romance, um poema, um quadro, um trecho de uma música são indivíduos, isto é, seres em que não se pode distinguir a expressão do exprimido, cujo sentido só é acessível por um contato direto e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial. É nesse sentido que nosso corpo é comparável à obra de arte. Ele é um nó de significados vivos e não a lei de um certo número de termos covariantes.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

O corpo é a primeira dimensão do ser humano, é nele que se atesta a existência. Ser corpo é se inscrever na cena imperativa da vida e atuar no espaço e no tempo. Um “ser corpo” essa é a primeira contingência que define a facticidade do ser: “Eu tenho um corpo que sou e sou um corpo que tenho” (Venâncio, 2001, p. 77). Essa maneira de ver e entender o corpo na vida é determinante na arte.

Lopes (1998) comenta que o início do século XX foi marcado por uma revolução no mundo das artes cênicas, isso devido a uma mudança no modo de ver o corpo e suas possibilidades expressivas.

A Lei Trinitária de Delsarte (1811 – 1871) reúne o corpo, alma e espírito em um só corpo indivisível. Isto representou uma possibilidade de ruptura do dualismo que por séculos significou na cultura ocidental a fragmentação: de um lado, um corpo que deveria ser modificado e purificado por ser morada de todos os pecados, e por outro, a alma, objetivo maior a ser delicadamente cultivada, porque seria ela a conduzir este corpo pecador à salvação eterna.

O pensamento de Delsarte abre o espaço para se pensar o corpo-mente, artífice que cria com inteligência o corpo. O corpo pensado como unidade e não somente como um instrumento que expressa a vida interior, alcança os movimentos artísticos como a dança moderna

Com o pensamento delsaritano de integração corpo-mente-espírito e a partir da repercussão de trabalhos e estudos como de Rudolf Von Laban, entre outros importantes nomes da dança moderna, a dança liberta-se do fardo de ser subtexto e o movimento ganha autonomia de código simbólico, que tem sua poética em si mesmo. A dança como arte do corpo - o sentido da dança é o próprio ato de dançar. E o sentido de dançar atase intimamente ao “sentir” e o “sentido dos sentidos”.

O (RE) SENTIR DO CORPO

Apesar do corpo como uma “soma” de aspectos que são indissociáveis (CORPO-MENTE-ESPÍRITO) não ser uma idéia nova é possível constatar que na sociedade contemporânea, especialmente do lado de cá do Greenwich, predomina, conforme denuncia Duarte Jr. (2001) um tipo de pensamento que enxerga o corpo como um material, um simples suporte e veículo da pessoa, concebido como uma matéria imperfeita, corrigível e finalmente dispensável.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

A ênfase dada ao pensamento racional na cultura ocidental hegemônica está marcada na conhecida frase de Descartes (1596 -1650), “*Cogito, ergo sum.*” – Penso, logo existo –, o que estimulou com eficácia os sujeitos a compreenderem sua identidade na mente racional e não no organismo total. A retirada para mente, entre outras razões de ordem social e econômica, é responsável por certo abandono do corpo como fonte de produção do “saber sensível”. Ressentido o corpo fragmenta-se dando margem a uma esquizofrenia dos sentidos, que resulta numa espécie de anestesia.

Anestesia refere-se ao ato e efeito de não sentir, do grego *aisthesis* que diz respeito à sensação, percepção, ao ato e efeito de sentir - origem da palavra e noção “estética”. Assim, uma educação estética refere-se a uma educação do sensível, isto é, ao educar dos sentidos - do sentir do corpo, que no contexto social atual pode ser abordado como um antídoto anti-anestésico.

Embora os estudos de Foucault (1995) traga muitos elementos para entender o que estamos chamando de anestesia do corpo, a partir do conceito de “corpo dócil” como um resultado de um processo de disciplinarização que age a serviço de estruturas de poder modernas, é interessante observar que esse processo de esquizofrenia do qual o corpo é alvo passa também pelo processo de racionalização que subjulgou o saber sensível antes mesmo da modernidade, passando pela ação da Igreja, que condenou e “tapou” corpo, e mais atualmente pela ação da mídia e indústria cultural que nos aprisiona a padrões modistas.

No entanto, Foucault também aponta que onde “há poder há resistência, e as resistências muitas vezes tem força irresistível” (Castelo Branco, s/d, p. 11). Foucault considera que as resistências ao poder devem ser entendidas como aquelas que visam a defesa da liberdade.

A liberdade, por sua condição ontológica, é insubmissa: diz sempre não às forças que procuram controlá-la. E o faz de modo que é necessariamente, em condições fora do terror e do constrangimento, o de afrontamento contínuo. A liberdade somente pode se externar em um espaço público no qual estejam garantidas as condições mínimas para seu exercício, e estas somente podem ser dadas num ambiente de tolerância política-social ao exercício da liberdade.

(CASTELO BRANCO, s/d, p.13)

O corpo assujeitado pode libertar-se em alguma medida, mesmo que provisoriamente, reiventando a sua subjetividade. E criar subjetividade implica em um ato criativo, em descoberta de limites e rompimento dessas fronteiras. Pois o corpo em

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

estado de criação é capaz de criar fissuras simbólicas e dobrar o poder em linhas de fuga que escorrem em forma de arte.

Na dança o corpo é proeminente e a noção de integridade corporal que deve ser reivindicada na vida é na dança ainda mais solicitada. Na dança a consciência corporal opera no sentido de unir: o sentir e a ação (sensação); a imagem e a ação (imaginação), o criar e a atividade (criatividade), embalados por certa autonomia e liberdade.

Claro que não estamos aqui falando da dança como técnica de disciplinarização e opressão, como está também pode ser utilizada, ou melhor, como alguns tipos específicos de dança são largamente utilizados. Trata-se aqui da dança livre de padrões, como uma possibilidade de romper as fronteiras de um corpo aprisionado. A dança que libera o corpo para o risco, o giro, a queda, que enfrenta a gravidade, que perpassa o belo e o grotesco, e que promove uma profunda relação entre o agir e o sentir.

A DANÇA COMO EDUCAÇÃO ESTÉTICA

O corpo como território da arte ou da vivência artística, é impulsionado por seu potencial expressivo e criativo. Neste contexto a idéia de que o corpo, como expressão da existência humana e sujeito da percepção, que deve ser entendido como um campo aberto de múltiplas possibilidades conforme pontua Merleau Ponty, é um conceito chave.

O autor enfatiza que para experimentar a “carne do mundo” é necessário sensibilidade, do sensível para o mundo e para-si mesmo, um diálogo com trocas e conflitos, com os poros abertos, falando, sentindo, movimentado, dançando...

Porpino (2009) aponta que historicamente a dança como uma experiência sensível, foi renegada nas escolas, em detrimento de um ensino pautado em perspectivas pedagógicas restritas as praticas instrumentalistas, privilegiando o conhecimento analítico, linear e sem sentido, com foco num ideal de utilidade.

Aqui, vale ressaltar que o ato educativo como algo essencialmente deve-se considerar a possibilidade desses sujeitos serem criativos, sensíveis e críticos, como também defende Pombo (1995). A autora sintetiza: “Educação Estética é um processo de sensibilização do ser, trata-se de permitir a formação de sensibilidade e da capacidade crítica através da experimentação de uma relação com o sensível” (POMBO,1995, p.109).

A urgência de se investir cada vez mais na educação estética é visualizada quando se assiste a uma época de fragmentação e de alienação de corpos objetos que se

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

tornam manipuláveis frente às ações dominantes de cada época, que modelam o que é ser corpo de fora pra dentro.

Nesse sentido educação estética por meio da dança aponta para uma espécie de desbloqueamento das potencialidades do ser humano, num ato mesmo que provisório e efêmero de libertar-se.

Pois o corpo na dança rompe o cotidiano agenciado por esferas de poder e se abre numa segunda realidade em que a dança é o corpo transfigurando-se em forma, corpo em moção (emoção).

Nessa perspectiva a Improvisação, aparece como uma alternativa rica de possibilidades de emancipação do corpo e de exercício da autonomia, podendo proporcionar um estado de liberdade, à medida que abre um espaço vazio a ser escrito com movimento, espontaneidade, sensibilidade e criatividade.

Evidentemente a Improvisação, para acontecer de modo pleno exige códigos básicos que funcionam como peças que cada indivíduo vai embaralhar e jogar a seu gosto. A aquisição de tais parâmetros não prescinde de técnicas que auxiliem no domínio do movimento em termos de execução, qualidade (texturas) e de sua relação com o espaço. No entanto, o limiar entre o adquirir de códigos básicos e o aprisionar do corpo em outro modo de agenciamento de poder é muito tênue, pois o corpo/sujeito condicionado a se condicionar, rapidamente se condiciona a determinado modo de saltar, girar, cair, enfim de mover, ficando preso em um estilismo, muitas vezes determinados por forças colonizadoras ou modistas, como um passarinho numa arapuca, perdendo uma de nossas raras possibilidades de alçar vôo rumo a um pequeno e pleno instante, daquilo que o *sonho humano alimenta...*

BIBLIOGRAFIA

_____. *Vigiar e Punir*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis : Editora Vozes, 2007. 262 p.

CASTELO BRANCO, Guilherme. *Foucault em três tempos*. In Mente Cérebro & Filosofia. São Paulo: Ed. Duetto, s/d.

DANTAS. Mônica. *O Enigma do Movimento*. Rio Grande do Sul: Ed. Universidade, 1999.

DUARTE Jr. João Francisco. *O sentido dos sentidos – a educação do sensível*. Curitiba –PR: Criar editora, 2001.

FOUCAULT, Michael. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro :Edições Graal, 1999. 295 p.

MENDES, Cláudio Lúcio. *O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo*. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167-181, Abril de 2006.

MERLEAU - PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

POMBO, Maria F. *Fenomenologia e Educação: A Sedução da Experiência Estética*. Tese de Doutorado em Educação. Portugal: Universidade de Aveiro, 1995.

PORPINO, K. *Dançar é educar: refazendo conexões ente corpo e estética*. In: Escritos sobre o corpo: diálogos enter arte, ciência, filosofia e educação. Terezinha Petrucia Nóbrega (Org.). Natal, RN:EDUFRN- Editora da UFRN, 2009.

SANTIN, S. *Resgatando a Historia do Corpo Através da religião, da mitologia e da arte*. *Corpo simplesmente corpo*. Santa Maria, 27 de maio de 2000.

SILVA, José Cláudio Sooma. *Foucault e as relações de poder: O cotidiano da sociedade disciplinar tomado como uma categoria histórica*. In Revista Aulas, Dossiê Foucault, n. 3, 2006 – 2007.